



Observatorio de Coimbra.

do na vespera escolher prisoes para os constituições, e escolher um lugar para mandar construir uma bateria para bater os navios portuguezes que quizessem entrar.

Logo que chegou ao convento foi-se pôr de joelhos diante de uma Nossa Senhora por mais de uma hora a dar-lhe graças de o salvar dos perigos em que elle se julgou.

Tudo isto foi medo de mais, porque nunca houve tenção de o offender, nem faltar-lhe ao respeito.

No convento, até que foi para Bombaim, portou-se com aquella prudencia, que devia ter tido alguns mezes antes.

No momento em que foi deposto morreu perfeitamente em politica e nem os seus aldrubios que lhe promoveram aquelle desar, se lembraram d'elle como deviam.

Se o conde de Rio Pardo tivesse tido sentimentos mais cavalheirosos, mais politica e mais prudencia não seria possível tal revolução.

Os seus aldrubios, e algum encarniçado inimigo dos direitos da senhora D. Maria II, como o prova um documento, que veio ao governo da ilha Terceira, no qual me fallou na mesma ilha Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa, foram os agentes que promoveram aquella revolução por ridiculas invejas e ciumes, e tambem mui ridiculas ambições, que o conde não soube prevenir, nem cohibir.

A revolução que o depoz foi feita mui pacificamente, e tanto que não houve para pessoa alguma uma só palavra offensiva, nem menos attenciosa; n'esse dia pareciam todos estar perfeitamente d'accordo, e ser todos de uma mesma opinião.

A's nove horas da manhã todos estavam nos seus trabalhos, parecendo que não tinha havido tal acontecimento; isto prova com evidencia a indifferença que havia pela administração do conde.

Constituiu-se immediatamente uma junta governativa provisoria: appareceu logo quantidade prodigiosa de ambições, e de intrigas: a junta não teve a capacidade politica necessaria para ser indifferente ás intrigas, e reprimir as ambições.

como se eu tivesse commetido os crimes.

Mandou-me sequestrar todos os papeis, e remetteu-me preso para a praça d'Alorna sem me dizer o motivo.

Os papeis que eu tinha eram cartas muito velhas, familiares, de pessoas da minha amizade do Porto, de Lisboa, do Rio de Janeiro, de Bombaim, e apontamentos para memorias em mathematica, em artilharia, e em tactica: mesmo assim a junta com aquelle sequestro fez-me perder todos aquelles papeis.

Entrei na praça d'Alorna: o seu mui digno governador o tenente-coronel Feio, natural de Lisboa, pessoa muito bem educada, e de muita civilidade disse-me: «A minha mesa é a sua, não consinto outra coisa, tem o melhor quarto, a guarnição já o conhece, porque é da legião de Bardez, que fez a campanha com você, serviu na sua brigada, é muito sua amiga, e está muito contente; tenho ali uma clavina para ir á caça, que ha bastante, dirija isto como quizer.»

Esta recepção, que se me fez na praça d'Alorna, parece que custou á junta provisoria, e então ella talvez persuadindo-se que lhe aconteceria o mesmo, que aconteceu ao conde de Rio Pardo com a minha deportação para Pondá, immediatamente me mandou transferir para o pequeno forte de Neurá (parece-me ser este o nome), nas margens do pequeno rio d'esta denominação.

Este forte era todo guarnecido por veteranos portuguezes; o seu governador tratou-me egualmente bem, e disse-me logo, que estava á minha disposição; deu-me o melhor alojamento que havia, que era quasi por cima da porta do forte.

Em Goa n'aquelle tempo os portuguezes-militares tinham uma especie de sympathia exaltada uns pelos outros, porém sendo tratantes perdiam então essa sympathia: os veteranos vieram ver-me, e disseram-me: «aqui está seguro, nós somos todos portuguezes, só ha um hespanhol, que se não se mostrar bom portuguez afogamol-o.»

D'ahi a dias appareceu o desembargador da relação de Goa, Monteiro, com um escrivão dizendo que vinha interrogar-me: este desembargador era

tado pelo rio das Maças, que vae desaguar no oceano d'ahi uma legua. E' pois sobremodo amena e deliciosa a situação de Collares.

Quanto á sua origem pouco se sabe, só sim que é muito antiga, e que já existia no tempo dos romanos, porque d'isto dão testemunho muitas medallas e inscripções romanas, que ahi teem sido encontradas.

Tambem não consta o que passou sob as diversas dominações, a que esteve sujeita a Lusitania depois da queda do imperio romano. Provavelmente viu-se livre do jugo sarraceno ao mesmo tempo que a sua vizinha Cintra, que foi resgatada por D. Affonso Henriques.

El-rei D. Diniz deu foral a esta villa em Maio de 1255. D. João I fez doação d'ella ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira em Agosto de 1385. Depois, passando successivamente a diferentes netos d'este heroe, veio a pertencer á infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel, pela morte da qual entrou Collares outra vez no dominio da corôa. Este ultimo monarcha deu-lhe então novo foral em Novembro de 1516, augmentando-lhe muito os antigos privilegios.

Sobre a etymologia do nome de Collares, parece melhor opinião a que o deriva dos dois collos ou collinas, sobranceiros á Varzea, em que a villa está edificada.

Collares teve tambem o seu antigo castello, e tão antigo que nada se sabe ao certo relativamente á sua fundação. No reinado d'el-rei D. Sebastião, e já anteriormente, o senado da camara servia-se d'elle para diversos usos do ministerio publico. Porém no tempo dos Filippes de Castella, querendo D. Diniz de Mello e Castro, que foi bispo de Leiria, de Vizeu, e da Guarda, estabelecer n'esta villa a sua residencia, pediu e alcançou a posse do castello, que logo transformou em um palacio, juntando-lhe uma bella quinta, actualmente pertencentes a seus herdeiros.

D'esta fortaleza provavelmente procedem as armas da villa, que são um castello entre arvores.

Tem Collares uma só parochia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

